

## Chomsky: Sobre a precarização do trabalho e da educação na universidade

8 de Março, 2014 - 00:14h

Noam Chomsky <sup>[1]</sup>

A transformação das universidades em corporações, como tem ocorrido sistematicamente ao longo da última geração, como parte do assalto neoliberal geral sobre a população, veio acompanhada de um modelo de negócios onde o que importa é o lucro no final do balanço.

### Sobre o modelo de contratação de professores

Isso faz parte do atual modelo de negócios. É o mesmo que ocorre com a contratação de trabalhadores temporários na indústria ou com o que eles chamam de "associados" na Wal-Mart, funcionários que não tem direito a benefícios. É parte de um modelo de negócios privados projetado para reduzir os custos do trabalho e aumentar o servilismo no trabalho. A transformação das universidades em corporações, como tem ocorrido sistematicamente ao longo da última geração, como parte do assalto neoliberal geral sobre a população, veio acompanhada de um modelo de negócios onde o que importa é o lucro no final do balanço.

Os verdadeiros proprietários são os gerentes (ou legisladores, no caso das universidades estaduais) e eles querem manter os custos baixos e assegurar que o trabalho seja dócil e obediente. A melhor maneira de fazer isso é, fundamentalmente, contratar temporários. Assim como a contratação de temporários foi se disseminando na sociedade no período neoliberal, o mesmo fenómeno ocorreu nas universidades. A ideia é dividir a sociedade em dois grupos. Um grupo é às vezes chamado de "plutonomia" (plutonomy, um termo usado pelo Citibank para aconselhar os seus investidores <sup>[2]</sup> sobre onde aplicar os seus recursos), o setor top da riqueza, concentrado principalmente nos Estados Unidos. O outro grupo, o restante da população, é um "precariado", as pessoas que vivem uma existência precária.

Esta ideia, por vezes, torna-se bastante evidente. Quando Alan Greenspan testemunhou perante o Congresso <sup>[3]</sup>, em 1997, sobre as maravilhas da economia, ele disse diretamente que uma das bases para o seu sucesso económico era o que ele chamou de "maior insegurança dos trabalhadores". Se os trabalhadores são mais inseguros, isso é muito "saúdável" para sociedade, porque eles não ficar perguntando sobre os seus salários, não vão entrar em greve, não vão pedir repartição de lucros, e vão servir os seus patrões de bom grado e de forma passiva. E isso é ótimo para a saúde económica das empresas.

Na época, todos consideraram o comentário de Greenspan muito razoável, a julgar pela falta de reação e pelo grande sucesso que ele gozava. Vamos transferir isso para as universidades: como garantir "maior insegurança dos trabalhadores"? Fundamentalmente,

não garantindo o emprego, mantendo as pessoas penduradas num galho que pode ser serrado a qualquer momento, por forma a que elas saibam que é melhor manter o silêncio, receber pequenos salários, fazer o seu trabalho e se forem agraciados com a autorização para servir em condições miseráveis por mais um ano, devem contentar-se com isso e não pedir nada a mais. Essa é a receita das corporações para manter uma sociedade eficiente e estável. Como as universidades se moveram na direção desse modelo de negócios, a precariedade é exatamente o que está sendo imposto. E nós vamos ver mais e mais do mesmo.

Há outros aspectos que também são bastante conhecidos na indústria privada, como um grande aumento dos níveis de administração e burocracia. Afinal, se precisamos de controlar as pessoas, é necessário ter uma força administrativa que faça isso. Assim, nas empresas dos EUA, mais do que em outros lugares, há sucessivos níveis de administração, uma forma de desperdício económico, mas útil para o controlo e a dominação. O mesmo ocorre em muitas universidades. Nos últimos 30, 40 anos, houve um aumento muito acentuado da proporção de administradores em relação ao número de professores e alunos. O nível de professores e alunos até aumentou, mas o de administradores subiu mais proporcionalmente.

Há um livro muito bom sobre esse tema, escrito por um conhecido sociólogo, Benjamin Ginsberg, chamado ‘The Fall of the Faculty: The Rise of the All-Administrative University and Why It Matters?’ <sup>[4]</sup> (Oxford University Press, 2011), que descreve em detalhe esse estilo de administração com os seus diversos níveis de administradores que, é claro, são muito bem pagos. Isso inclui os administradores profissionais, como os reitores, por exemplo, que costumavam ser membros do corpo docente que eram deslocados por alguns anos para exercer atividade administrativa e, depois, voltavam para os seus afazeres académicos. Agora, na maioria dos casos, eles são profissionais que contratam sub-reitores e secretários, fazendo proliferar toda uma estrutura administrativa. Esse é outro aspecto importante do atual modelo de negócios.

Mas o uso de mão-de-obra barata e fragilizada no trabalho é uma prática tão antiga quanto a iniciativa privada e os sindicatos surgiram em resposta a ela. Nas universidades, trabalho vulnerável e barato significa professores auxiliares e estudantes de pós-graduação. Alunos de graduação são ainda mais vulneráveis, por razões óbvias. A ideia é transferir as atividades universitárias aos trabalhadores precários, o que melhora a disciplina e o controlo, e também permite a transferência de recursos para outras finalidades que não a educação. Os custos, naturalmente, são arcados pelos estudantes e pelas pessoas que são atraídas para estas ocupações vulneráveis. É uma característica normal dessa sociedade de gestão de negócios transferir os custos para o povo.

Os economistas cooperam com esse esquema. Suponha que encontra um erro na sua conta corrente e liga para o banco para tentar corrigi-lo. Bem, sabe o que acontece. Vai telefonar e ouvirá uma mensagem gravada a dizer: ‘Nós amamo-o, aqui está um menu de opções?’. Talvez esse menu tenha o que está a procurar, talvez não. Se por acaso encontrar a opção correta, ouvirá alguma música e, de vez em quando, uma voz dirá: ‘Aguarde, por favor, enquanto transferimos a sua ligação?’. Finalmente, passado algum tempo, até poderá ser atendido por um ser humano a quem poderá fazer uma breve pergunta. Os economistas chamam isso de ‘eficiência’, um sistema que reduz custos trabalhistas para o banco. É claro que impõe custos para si e esses custos são multiplicados pelo número de utilizadores, que pode ser enorme, mas que não é contado como um custo no cálculo económico.

Se olhar para a forma como a sociedade funciona, verá esse tipo de prática em todos os sítios. Assim, a universidade impõe custos aos alunos e professores que não são apenas temporários, mas colocados num modelo que garante que eles não terão segurança. Tudo isso é perfeitamente normal dentro de modelos de negócios corporativos. É prejudicial para a educação, mas a educação não é o seu objetivo.

Na verdade, se olharmos mais longe, veremos que as raízes desse modelo são mais profundas ainda. Se voltarmos para o início dos anos 1970, quando muitas dessas coisas atuais começaram, havia muita preocupação em praticamente todo o espectro político sobre os temas do ativismo dos anos 1960.

Essa época foi chamada de "era dos problemas", porque o país estava a ficar civilizado, e isso é perigoso. As pessoas estavam a tornar-se politicamente engajadas e estavam a tentar conquistar direitos para grupos com os chamados "interesses especiais", como as mulheres, os trabalhadores, os agricultores, os jovens, os idosos, e assim por diante. Isso levou a uma reação grave, o que foi muito evidente.

No final liberal do espectro político, há um livro chamado The Crisis of Democracy: On the Governability of Democracies [5] (New York University Press, 1975 - Crise da Democracia: Sobre a Governabilidade das Democracias), um relatório elaborado por Michel Crozier, Samuel P. Huntington e Joji Watanuki para a Comissão Trilateral, uma organização de liberais internacionalistas. O governo Carter saiu praticamente todo das suas fileiras. Eles estavam preocupados com o que chamavam de "crise da democracia". Para eles, o problema é que havia um "excesso de democracia". Na década de 1960, havia pressões partindo de diversos setores da população, esses "interesses especiais" que referi, para tentar obter direitos na arena política. Para os autores, estava a colocar-se muita pressão sobre o Estado e isso era errado. Havia um "interesse especial" que eles deixaram de fora, que era o do setor empresarial. Mas esse interesse, para eles, confundia-se com o "interesse nacional" de que não seria o caso de falar dele.

Os demais "interesses especiais" estavam a causar problemas e esses autores disseram: "nós temos que ter mais moderação na democracia", o público tem de voltar a ser passivo e apático. Eles estavam particularmente preocupados com as escolas e as universidades, que não estavam a fazer devidamente o seu trabalho de "doutrinar os jovens". O ativismo estudantil, a sua participação nos movimentos de direitos civis, anti-guerra, feminista, ambiental, entre outros, mostrava que os jovens não estavam a ser doutrinados corretamente.

Como se doutrina os jovens? Há certo número de maneiras de fazê-lo. Um deles é sobrecarregá-los com uma dívida irremediavelmente pesada. A dívida é uma armadilha, especialmente a dívida do estudante, que é enorme, muito maior do que a dívida do cartão de crédito. É uma armadilha para o resto da vida, porque as leis são projetadas para que não fiquemos de fora. Se uma empresa, por exemplo, fica muito endividada, ela pode declarar falência, mas os indivíduos quase nunca podem aliviar-se de uma dívida por meio da falência. Eles podem até mesmo tirar a sua segurança social se não pagar. Essa é uma técnica disciplinar. Eu não digo que foi conscientemente produzida para ter esse efeito, mas certamente tem esse efeito.

É difícil argumentar que há algum fundamento económico para ele. Basta dar uma vista de olhos pelo mundo: na maioria dos casos, o ensino superior é gratuito. Em países com os mais elevados índices de educação, como a Finlândia, o ensino superior é gratuito. Num país

capitalista rico bem sucedido como a Alemanha, é gratuito. No México, um país pobre, com padrões de educação bastante decentes considerando as dificuldades económicas que enfrentam, é gratuito. Agora olhe para os Estados Unidos: se voltarmos para os anos 1940 e 50, veremos que o ensino superior estava muito perto da gratuidade. O GI Bill deu educação gratuita para um grande número de pessoas que, sem isso, nunca teria conseguido ir para a faculdade.

Foi muito bom para eles, para a economia e para a sociedade, sendo uma das razões para a elevada taxa de crescimento económico naquele período. Mesmo em faculdades particulares, a educação era muito perto de ser gratuita. Eu fui para a faculdade, em 1945, numa universidade da Ivy League, a Universidade da Pensilvânia, onde a taxa de matrícula foi de US\$ 100. Isso talvez desse US\$ 800 dólares hoje. E foi muito fácil obter uma bolsa de estudos. Então era possível morar em casa, trabalhar e ir para a escola sem grandes gastos. Hoje a situação é ultrajante. Tenho netos na faculdade que têm que pagar a sua matrícula e trabalhar, o que é quase impossível. Para os alunos essa é uma técnica disciplinar.

Outra técnica de doutrinação é cortar o contato entre o aluno e o professor. Isso faz-se com turmas grandes, professores temporários que estão sobrecarregados e mal conseguem sobreviver com o seu salário. E uma vez que o professor não tem nenhuma estabilidade no emprego não é possível construir uma carreira. Não pode seguir em frente e planejar evoluir na carreira. Estas são todas técnicas de disciplina, doutrinação e controlo.

É muito parecido com o que esperaria encontrar numa fábrica, onde os trabalhadores têm que ser disciplinados para serem obedientes e não, por exemplo, para desempenhar um papel na organização da produção ou do local de trabalho. Essas funções são exclusivas dos gerentes. Pois esse modelo foi transportado para as universidades. E creio que não deve surpreender ninguém, que já teve alguma experiência com a iniciativa privada, a forma como funcionam.

### **Sobre como o ensino superior deve ser**

Antes de tudo, devemos deixar de lado qualquer ideia de que houve algo como uma "idade de ouro". As coisas eram diferentes e, em certo sentido, melhores no passado, mas longe de serem perfeitas. As universidades tradicionais eram extremamente hierarquizadas, com muito pouca participação democrática na tomada de decisões. Uma parte do ativismo dos anos 1960 queria justamente tentar democratizar as universidades, incluindo, por exemplo, representantes dos estudantes nas comissões do corpo docente. Esses esforços tiveram algum grau de sucesso. A maioria das universidades tem algum grau de participação dos estudantes nas decisões da instituição. Penso que deveríamos mover-nos nesta direção: uma instituição democrática, onde as pessoas envolvidas (professores, alunos e funcionários) participam na definição das políticas da instituição e de como elas são executadas. E o mesmo deveria valer para uma fábrica.

Estas não são ideias radicais, devo dizer. Elas vêm diretamente da tradição do liberalismo clássico. Se lermos, por exemplo, John Stuart Mill, uma figura importante dessa tradição, veremos que ele concordava com a ideia de que os locais de trabalho deveriam ser administrados pelas pessoas que trabalham neles. Isso seria sinónimo de liberdade e democracia (ver, por exemplo, de John Stuart Mill, Princípios de Economia Política [6], livro 4, cap.7)

Podemos encontrar essas mesmas ideias nos Estados Unidos. Tomemos o caso dos

Cavaleiros do Trabalho (Knights of Labor, primeira organização trabalhista nacional importante da história dos EUA, fundada em 1869 - NT). Um dos seus objetivos declarados era "estabelecer instituições cooperativas, que tenderão a substituir o sistema de salários com a introdução de um sistema industrial cooperativado". Ou ainda em alguém como John Dewey, filósofo "mainstream" do século 20, que defendeu não só uma educação voltada para desenvolver a independência criativa nas escolas, mas também o controle das indústrias pelos trabalhadores, o que ele chamou de "democracia industrial".

Para Dewey, enquanto as instituições cruciais da sociedade (como produção, comércio, transporte e mídia) não estiverem sob o controle democrático, então a "política (será) a sombra projetada sobre a sociedade pelos grandes negócios" ("A Necessidade de um novo partido" [7], 1931). Essa ideia quase elementar, que tem raízes profundas na história dos Estados Unidos e no liberalismo clássico, deveria ser uma espécie de segunda natureza para as pessoas que trabalham e ser aplicada igualmente nas universidades.

Há algumas decisões numa universidade onde não é o caso de ter transparência democrática porque, por exemplo, é preciso preservar a privacidade do aluno. Existem vários tipos de questões sensíveis, mas na maioria da atividade normal da universidade não há razão para a democracia direta não ser considerada legítima e útil. No meu departamento, por exemplo, por 40 anos tivemos representantes dos estudantes a participar nas reuniões do departamento.

### **"Governança compartilhada" e controle dos trabalhadores**

A universidade é, provavelmente, a instituição na nossa sociedade que está mais próxima da ideia de um controle democrático dos trabalhadores. Dentro de um departamento, por exemplo, é normal que um professor possa determinar uma parte substancial de como será o seu trabalho: o que vai ensinar, quando, como deve ser o currículo. A maioria das decisões sobre o trabalho real do departamento passa pelos professores. Há, é claro, um nível superior de questões que não fica sob seu controle. Pode indicar-se alguém para lecionar, digamos, e essa recomendação pode ser rejeitada pelos reitores ou administradores. Isso não acontece com muita frequência, mas pode acontecer. E isso sempre tem a ver com questões mais estruturais que, embora sempre tenham existido, representavam um problema menor quando os professores participam da administração.

Sob sistemas representativos, é necessário ter alguém para fazer o trabalho administrativo, mas esses mandatos devem ser revogáveis em algum momento. Isso ocorre cada vez menos. Existem cada vez mais administradores profissionais, em vários níveis, tomando decisões cada vez mais distantes do controle do corpo docente. Eu mencionei antes o livro "The Fall of the Faculty", de Benjamin Ginsberg, que entra em muitos detalhes sobre como isso funciona em universidades como Johns Hopkins, Cornell e algumas outras.

Enquanto isso, o corpo docente vê-se cada vez mais reduzido à categoria de trabalhadores temporários que têm a garantia de uma existência precária, sem perspectiva de evoluir na carreira. Eu tenho conhecidos que são efetivamente professores permanentes, mas eles não têm esse status na prática, tendo de se aplicar a cada ano de modo a serem nomeados novamente. Essas coisas não deveriam acontecer. E a situação dos auxiliares foi institucionalizada: eles não fazem parte do corpo de tomada de decisões e não têm segurança no emprego, o que só amplia o problema. Esse pessoal também deveria ser integrado ao processo de tomada de decisões, uma vez que fazem parte da universidade.

Portanto, há muito o que fazer, mas podemos entender facilmente porque essas tendências estão a desenvolver-se. Isso tem a ver com a imposição de um modelo de negócio em quase todos os aspectos da vida. É a ideologia neoliberal sob a qual a maior parte do mundo tem vivido há 40 anos. Ela é muito prejudicial para as pessoas e não encontra resistência na maioria dos casos. Só duas regiões conseguiram escapar dela: a Ásia Oriental, onde ela nunca predominou, e a América do Sul, nos últimos 15 anos.

### **Sobre a alegada necessidade de ?flexibilidade?**

?Flexibilidade? é um termo que é muito familiar para os trabalhadores na indústria. Parte daquilo que costuma ser chamado de ?reforma trabalhista? consiste em fazer o trabalho mais ?flexível?, ou seja, fazer com que seja mais fácil contratar e demitir pessoas. É, mais uma vez, uma forma de garantir a maximização de lucro e de controlo. ?Flexibilidade?, supostamente, é uma coisa boa, assim como a ?maior insegurança dos trabalhadores?. Deixando de lado a indústria, onde é exatamente isso o que ocorre mesmo, mas universidades não há justificativa para esse tipo de prática.

Consideremos o caso de um curso com baixo número de matriculados. Isso não é um grande problema. Uma de minhas filhas ensina numa universidade e disse-me que a sua carga horária sofrerá alteração porque um dos cursos que estava a ser oferecido teve poucos matriculados. Ok, o mundo não acaba por causa disso. O professor ou professora pode dar um curso com uma metodologia diferente ou procurar outra alternativa. As pessoas não têm que ser jogadas fora ou ficar inseguras por causa da variação do número de alunos matriculados num curso. Há várias possibilidades de ajuste para essa situação. A ideia de que o trabalho deve atender às condições de ?flexibilidade? é apenas mais uma técnica padrão de controlo e dominação. Por que não dizer que os administradores devem ser jogados fora se não há nada para se fazer naquele semestre? A mesma situação aplica-se aos altos executivos das indústrias: se o trabalho tem que ser flexível, o que dizer da gestão? A maioria deles é bastante inútil ou até prejudicial. Então vamos-nos livrar deles.

Para tomar uma notícia dos últimos dias, que tal Jamie Dimon, CEO do banco JP Morgan Chase? Ele teve um aumento bastante substancial, quase o dobro do seu salário, por gratidão por ter salvo o banco de acusações criminais que teriam levado os seus executivos para a cadeia. Conseguiram escapar com apenas US\$ 20 mil milhões em multas por atividades criminosas. Bem, eu posso imaginar que livrar mo-nos de alguém assim pode ser útil para a economia. Mas não é disso que as pessoas estão a falar quando falam sobre a ?reforma trabalhista?. São as pessoas que trabalham que devem sofrer. Devem sofrer por ter um trabalho inseguro, por não terem certeza sobre de onde sairá o pão de amanhã. Por isso, devem ser disciplinadas e obedientes e não fazer perguntas ou pedir pelos seus direitos. Essa é a maneira pela qual os sistemas tirânicos operam. E o mundo dos negócios é um sistema tirânico. Quando essa lógica é imposta às universidades, ela refletirá as mesmas ideais. Isso não é nenhum segredo.

### **Sobre a finalidade da educação**

Estes debates remontam ao Iluminismo, quando as questões de ensino superior e educação de massa estavam a ser levantadas, e não mais apenas a educação para o clero e a da aristocracia. Havia basicamente dois modelos discutidos nos séculos 18 e 19, e foram discutidos com imagens bastante sugestivas. Uma imagem da educação dizia que ela deve ser vista como um vaso que deve ser preenchido com água. Isso é o que chamamos hoje em

dia de ?ensinar para testar?: derrama água dentro do vaso e, em seguida, ele devolve a água. Mas é um vaso muito permeável, como muitos de nós que passamos pela experiência da escola podemos constatar, já que podemos memorizar algo para um exame pelo qual não tínhamos muito interesse e, uma semana depois, não nos lembramos mais do que se tratava. O modelo do vaso nos dias de hoje é chamado de ?nenhuma criança deixada para trás?, ?ensinando para testar?, ?corrida para o topo? e outras coisas semelhantes nas universidades. Os pensadores iluministas eram contrários a esse modelo.

O outro modelo foi descrito pela imagem de uma corda estendida ao longo da qual o aluno progride no seu próprio caminho, sob a sua própria iniciativa, talvez seguindo a corda, talvez decidindo ir para outro lugar, talvez levantando questões. Seguir a corda significa impor algum grau de estrutura. Assim, um programa de educação, seja ela qual for, um curso sobre física ou algo assim, não será um vale tudo, terá certa estrutura. Mas o seu objetivo é que o aluno adquira a capacidade de investigar, de criar, inovar e desafiar ? isso é que é a educação. Um físico mundialmente famoso, foi questionado uma vez por um aluno sobre qual seria o conteúdo do curso no semestre. A sua resposta foi: ?não importa o que vamos tratar, mas sim o que você vai descobrir?. O aluno ganha capacidade e auto-confiança para desafiar e criar. Dessa forma, internaliza o tema do estudo e pode ir em frente. Não é uma questão de acumular uma quantidade fixa de factos que, em seguida, o aluno pode descrever numa prova e amanhã esquecer.

Estes são dois modelos bem distintos de educação. O ideal iluminista foi o segundo e eu acho que é isso que devemos esforçar-nos em alcançar. Essa é a verdadeira educação, do jardim de infância à pós-graduação. Na verdade, existem programas desse tipo, muito bons, para o jardim de infância.

### **Sobre o amor de ensinar**

Nós certamente queremos que as pessoas, tanto professores como alunos, se envolvam em atividades que sejam gratificantes, agradáveis, estimulantes e excitantes. Eu realmente não acho que isso seja difícil. As crianças são criativas, curiosas, querem saber coisas, querem entender as coisas, e, a menos que sejam submetidas a um processo, essas coisas ficam com elas o resto da sua vida. Se temos oportunidade de seguir esse compromisso, é uma das coisas mais gratificantes da vida. Isso é verdade se somos um físico pesquisador ou um carpinteiro. Se estamos a tentar criar algo de valor, lidando com um problema difícil e tentando resolvê-lo. Acho que isso é o que faz funcionar o tipo de coisa que queremos fazer.

Numa universidade que funciona razoavelmente, encontramos pessoas que trabalham o tempo todo porque elas adoram o que estão a fazer. É o que elas querem fazer. Elas receberam a oportunidade, têm os recursos e são encorajadas a serem livres, independentes e criativos. O que poderia ser melhor? É o que elas gostam de fazer. E isso, repito, pode ser feito em qualquer nível.

Vale a pena pensar sobre alguns dos programas educacionais imaginativos e criativos que estão a ser desenvolvidos em diferentes níveis. Alguém me descreveu, dias atrás, um programa de ciência que está a usar em escolas de ensino médio, por meio do qual os alunos são provocados por uma pergunta interessante: "Como pode um mosquito voar na chuva?" Essa é uma pergunta difícil quando pensamos sobre isso. Se algo batesse num ser humano com a força com que um pinga de chuva bate num mosquito ele seria achatado imediatamente. Então como é que o mosquito não é esmagado instantaneamente? E como pode o mosquito continuar a voar? Responder a essa pergunta é um trabalho muito difícil que

envolve entrar em questões de matemática, física e biologia, questões suficientemente desafiadoras para alguém querer encontrar uma resposta para elas.

Isso é o que a educação deve ser em todos os níveis, desde o jardim de infância. Existem programas de jardim de infância em que, por exemplo, é dada uma coleção de pequenos objetos para cada criança: seixos, conchas, sementes, e coisas assim. Em seguida, a classe recebe a tarefa de descobrir quais são as sementes. O processo começa com o que chamam de uma "conferência científica": as crianças conversam entre si e tentam descobrir quais são as sementes. Há alguma orientação de professores, é claro, mas a idéia é fazer com que as crianças pensem sobre o tema. Depois de um tempo, são feitas várias experiências para tentar descobrir quais são as sementes. Nesse ponto, cada criança recebe uma lupa e, com a ajuda do professor, olham para dentro das rachaduras da semente e encontram o embrião que faz a semente crescer. Estas crianças aprendem algo, realmente, não apenas sobre sementes e o que faz com que as coisas cresçam, mas também sobre como descobrir. Eles estão a aprender a alegria da descoberta e da criação, e é isso o que carregamos de forma independente, para fora da sala de aula, para além de qualquer curso.

O mesmo vale para toda a educação, até a pós-graduação. Num seminário de pós-graduação razoável, não podemos esperar que os alunos baixem a cabeça para copiar e depois repetir o que dizemos. Esperamos que eles nos digam quando estamos errados ou que cheguem a novas idéias, para desafiar, para perseguir algum sentido que não tinha sido pensado antes. Isso é o que a verdadeira educação é em todos os níveis, e é isso o que deve ser incentivado. Esse deveria ser o propósito da educação. Não é para despejar informações na cabeça de alguém, que depois vai ?vazar? esse conteúdo, mas para permitir que eles se tornem pessoas criativas, independentes, capazes de encontrar emoção na descoberta e criação e criatividade em qualquer nível ou em qualquer domínio dos seus interesses.

### **Sobre o uso da retórica corporativa contra as corporações**

Isso é como perguntar como devemos justificar, perante o proprietário de escravos, que as pessoas não devem ser escravos. Estamos num nível de investigação moral onde provavelmente é muito difícil encontrar respostas. Somos seres humanos com direitos humanos. É bom para o indivíduo, é bom para a sociedade e mesmo para a economia, em sentido estrito, que as pessoas sejam criativas, independentes e livres. Todos se beneficiam se as pessoas são capazes de participar, de controlar o seu destino, de trabalhar uns com os outros. Isso pode não maximizar o lucro e dominação, mas por que deveríamos perseguir esses valores?

### **Conselhos para um professor temporário organizar sindicatos**

Sabe melhor do que eu o que tem que ser feito, o tipo de problemas que enfrenta . Então, vá em frente e faça o que tem que ser feito. Não se deixe intimidar , não se assuste, e reconheça que o futuro pode estar nas nossas mãos, se estamos dispostos a compreendê-lo.

Tradução: Louise Antonia León

---

\* Este artigo é uma transcrição editada de observações feitas por Noam Chomsky via Skype, no dia 4 de fevereiro de 2014, a membros e apoiadores da Adjunct Faculty Association [NT] do Sindicato dos Metalúrgicos



[8], em Pittsburgh. As observações de Chomsky foram provocadas por perguntas feitas por Robin Clarke, Adam Davis, David Hoinski, Maria Somma, Robin J. Sowards, Matthew Ussia e Josué Zelesnick. A transcrição ficou a cargo de Robin J. Sowards e foi editada pelo próprio Chomsky.

[NT] A expressão ?Adjunct Faculty? utilizada por Chomsky no texto original designa, nos Estados Unidos, os professores universitários contratados em regime temporário para dar um curso durante um semestre ou um ano, não possuindo qualquer estabilidade de emprego.

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogosfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

---

**URL de origem:** <http://www.esquerda.net/artigo/chomsky-sobre-precariza%C3%A7%C3%A3o-do-trabalho-e-da-educa%C3%A7%C3%A3o-na-universidade/31653>

**Ligações:**

- [1] <http://www.esquerda.net/autor/noam-chomsky>
- [2] [http://www.correntewire.com/sites/default/files/Citibank\\_Plutonomy\\_2.pdf](http://www.correntewire.com/sites/default/files/Citibank_Plutonomy_2.pdf)
- [3] <http://www.federalreserve.gov/boarddocs/hh/1997/february/testimony.htm>
- [4] <http://global.oup.com/academic/product/the-fall-of-the-faculty-9780199782444?cc=us&lang=en&>
- [5] [https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Crisis\\_of\\_Democracy](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Crisis_of_Democracy)
- [6] <http://www.efm.bris.ac.uk/het/mill/book4/bk4ch07>
- [7] <http://www.newrepublic.com/article/magazine/104638/the-need-new-party>
- [8] <http://aa.drupalgardens.com/>